

As chamadas peles de cor, que não se encaixam no conceito caucasiano, precisam de atenção e cuidados especiais, seja na estética, seja na dermatologia

POR AILIM CABRAL

Fazer um procedimento em uma clínica de estética ou em consultório de dermatologia parece algo simples, que requer alguns cuidados básicos, como buscar referências ou indicações de locais e profissionais confiáveis. Porém, para algumas pessoas, especialmente aquelas que não têm pele branca, esse processo pode ser mais complicado, problemático e até doloroso, inserido em um contexto de racismo estrutural e falta de conhecimento.

A nossa sociedade se formou em um conceito eurocêntrico, e é possível perceber o racismo estrutural que persiste no Brasil. Ele vai além de ataques racistas. Pode ocorrer de forma não intencional e, muitas vezes, passar despercebido por quem não é uma das vítimas. No mundo da beleza e da estética, ele se faz presente na falta de conhecimento, de produtos e de procedimentos voltados para pessoas caucasianas. Em um país onde 57,3% da população **não se declara branca**, é difícil acreditar que a maioria dos serviços seja pautada de acordo com a pele branca.

Neto paterno de japoneses e filho de um descendente de japonês com uma brasileira, o tatuador Daniel Matsumoto, 30 anos, não imaginava que carregaria um reflexo da ignorância de uma sociedade pautada na pele branca no próprio rosto. Ao completar 30 anos, ele decidiu fazer tudo que vinha adiando ao longo dos anos. Entre as pendências, estava um procedimento para tratar algumas manchinhas de sol que tinha no rosto.

O primeiro passo foi começar uma pesquisa sobre o que poderia ser feito. Daniel descobriu na internet que existiam técnicas e tipos de laser que não esquentam muito a pele e, por isso, seriam melhores para pessoas não caucasianas, mas teve dificuldade de encontrar estabelecimentos preparados em Brasília.

Em maio, depois de buscar referências, escolheu uma clínica de estética bem conceituada e com valores mais altos que a maioria presente

# Enxergando todos os tons de pele

no mercado. Confiante, Daniel conversou com uma esteticista que garantiu que as manchas poderiam ser tratadas por meio de um peeling químico não invasivo.

## Frustração

Depois da consulta inicial, o tatuador voltou a pesquisar e se deparou com uma série de relatos de pessoas de cor que tiveram problemas após esse tipo de procedimento. Outro aspecto que o incomodou foi perceber que a maioria das pessoas que falavam sobre o assunto não era brasileira, o que ressaltou que o assunto é pouco abordado por aqui.

“Descobri que, nos EUA, existem clínicas voltadas para *people of color*, termo usado por lá e que define pessoas não brancas, justamente por



## Diversidade

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019, 42,7% dos brasileiros se declararam brancos; 46,8%, pardos; 9,4%, pretos; e 1,1%, amarelos ou indígenas.

existir esse problema de a maioria dos procedimentos serem voltados para caucasianos”, conta. A insegurança voltou, e Daniel desmarcou. Depois de explicar suas dúvidas para a profissional e expor o histórico de seus problemas com acne e inflamação, que poderiam atrapalhar o processo, foi tranquilizado por ela.